

GREI - Grupo de Estudos Interdisciplinares
Giordano Bruno

Helena Ralha-Simões

**DESENVOLVIMENTO PESSOAL
NA SOCIEDADE EMERGENTE**
novos olhares em busca de um paradigma



Cadernos do GREI n.º 3

JULHO 2013

**DESENVOLVIMENTO PESSOAL
NA SOCIEDADE EMERGENTE**

novos olhares em busca de um paradigma

ÍNDICE

Introdução.....	3
1.O conceito de desenvolvimento psicológico: origens e evolução..	5
2.O desenvolvimento pessoal e a construção da pessoa	8
3.Subjetividade e complexidade: uma alternativa em psicologia.....	10
4.A psicologia positiva e o significado de uma sublevação.....	14
5.A personalidade face aos desafios da sociedade emergente	17
Reflexões finais.....	21
Bibliografia.....	23



GREI - Grupo de Estudos Interdisciplinares
Giordano Bruno

FICHA TÉCNICA

Título: Cadernos do GREI

Edição de: GREI - Grupo de Estudos Interdisciplinares
Giordano Bruno

Urb. Vale da Amoreira, lote 5 - 4.º dt.º - 8005-334 FARO
grei.grupo@gmail.com www.grei.pt

Capa: adaptada de "Sonhos" de René Magritte

Coordenação editorial: Carlos Marques Simões

Grafismo e paginação: Sandra Sousa

Data: julho de 2013

ISBN -

Quando se estabelece o contacto entre o saber das coisas e as próprias coisas, visitadas e compreendidas, o deslumbramento cresce de tal modo que fez de Einstein um panteísta e de Júlio Verne um romancista impregnado de mitos e religiões.

Michel Serres in Júlio Verne: da ciência ao imaginário

Ao tentar compreender o mistério da Vida, seguiram-se muitas vias diferentes. De entre elas existem as dos cientistas e dos místicos, mas existem muitas mais; os caminhos dos poetas, crianças, xâmanes e palhaços, para nomear apenas alguns.

Fritjof Capra, in O Tao da Física: uma exploração dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental

Resumo:

Partindo da historicidade do conceito de desenvolvimento psicológico, problematiza-se a sua importância para compreender a personalidade face aos desafios da sociedade emergente. Sublinha-se igualmente a necessidade de novos olhares, a fim de contribuir para os fundamentos de um futuro paradigma. Neste âmbito, deve destacar-se a abordagem da psicologia positiva e a concomitante construção pessoal, em termos de complexidade e subjetividade.

Palavras-chave: subjetividade; complexidade; psicologia positiva; desenvolvimento pessoal; sociedade emergente.

INTRODUÇÃO

A ideia de desenvolvimento corresponde a uma concepção que não é nem natural nem universal, constituindo antes algo extremamente específico que se sobrepõe e que oculta outras posições possíveis, muitas vezes marginalizadas, apenas porque se assume que estão incluídas ou implícitas numa perspetiva mais abrangente de natureza desenvolvimentista.

Todavia, este modelo diacrónico pode ser entendido como uma mera produção da sociedade ocidental, a qual, com demasiada frequência, parte dos seus próprios valores como sistema de referência e utiliza-os para avaliar contextos e circunstâncias de espaço e de tempo muito diferentes. Ora, para ultrapassar os condicionalismos das visões limitativas que daí podem resultar, quando se equaciona a problemática do desenvolvimento pessoal e da construção da pessoa na sociedade emergente, é indispensável efetuar previamente uma reflexão aberta a contributos diversos que lancem sobre a discussão novos olhares.

Pretendendo contribuir nesse sentido, o presente texto, após situar o conceito de desenvolvimento psicológico em termos da sua

historicidade, problematiza os desafios que se desenham no horizonte, de modo a ser possível entender a personalidade nesse enquadramento. Esta urgente e difícil tarefa exigirá pôr em causa pressupostos pacificamente assumidos até hoje e introduzir outras noções sob ângulos diferentes, tais como as de complexidade e subjetividade, passando a assumi-las como um enfoque alternativo em psicologia.

Na verdade, esta iniciativa poderá marcar uma ruptura com caminhos que há muito carecem de ser abandonados, visto traduzirem apenas uma certa procura de preenchimento da enorme distância que, apesar da adoção de metodologias e de práticas científicas pretensamente rigorosas, continua a existir entre o conhecimento produzido no âmbito das ciências da natureza e o conhecimento construído no quadro das ciências do homem.

Se considerarmos esta tarefa oportuna, a principal questão que então se põe prende-se com o facto de conseguir encontrar algo que permita uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento que indiscutivelmente estrutura a construção da pessoa. Esta procura é indispensável, uma vez que é essencial encontrar uma matriz conceptual que não só oriente como dê segurança e significado à reflexão e à intervenção no âmbito psicológico.

Talvez por este motivo, desde a emergência da psicologia como ciência - e no decurso da sua consolidação ao longo de todo o século XX -, a tónica tem sido posta na necessidade de se interpretar particularidades e diferenças do desenvolvimento como se se tratasse sobretudo de anomalias ou de deficiências em relação a uma desejável e pretensa normalidade. É em contraposição a esta antinomia entre o normal e o patológico que a psicologia positiva vem propor uma abordagem inovadora, essencial para conseguir compreender o que, apesar dos numerosos contratemplos que envolvem o tornar-se pessoa, permite conduzir a caminhos desejáveis de realização pessoal.

Assim, embora sem pretensões de encontrar respostas definitivas para tão complexa questão, é relevante retomar tópicos já presentes na abordagem humanística, equacionando de modo diferente o que nos habituámos a pensar que já entendíamos, num equilíbrio difícil entre a afinidade da psicologia com a filosofia, presente no seu passado, e as práticas terapêuticas com as quais rivaliza atualmente.

Partindo da confluência das anteriores considerações, torna-se indispensável encontrar pontes entre as modalidades pessoais de compreender o mundo e os fundamentos epistemológicos comuns que conferem significado à experiência. Só assim se caminhará no sentido da construção de uma sociedade alternativa que transcenderá cada domínio do saber tomado isoladamente, possibilitando o acesso a um pensamento global facilitador da comunicação entre os diversos olhares, o qual poderá finalmente convergir para a emergência de uma nova esfera teórica em cujo interior se cruzarão os contributos de múltiplos modelos parcelares.

1. O conceito de desenvolvimento psicológico: origens e evolução

Ocupando hoje um lugar destacado no âmbito da psicologia, a ideia de desenvolvimento apresenta, todavia, algumas particularidades decorrentes do paradigma científico dominante na altura do seu surgimento no contexto psicológico. Elaborado a partir de uma certa forma de equacionar a problemática da infância, este conceito adquiriu rapidamente a sua atual importância enquanto lugar privilegiado para verificar como a ontogenia recapitulava a filogenia - subentendendo-se que ambas tinham entre si uma relação causal.

Este enquadramento levou a que cedo se perspetivasse o desenvolvimento como uma progressão que se efetuaría segundo degraus sucessivos, tal como Hæckel presumia relativamente à evolução das espécies. De facto, este autor (Hæckel, 1905), ao considerar que a ideia de evolução era, em geral, infinitamente variável e de difícil sustentação se se excetuassem os fenómenos ontogénicos do desenvolvimento individual, concluía que, nestas descobertas filogenéticas, se tinha sobretudo em vista a construção do corpo e dos seus órgãos particulares; em contrapartida, encarava-se "(...) em primeira linha, o desenvolvimento histórico da alma e (...) a questão de saber se a evolução intelectual do homem é regulada pelas mesmas leis naturais que o seu desenvolvimento corporal e se é, como este, inseparavelmente ligada à história dos outros mamíferos" (Hæckel, 1978: 82).

Morss (1992) considera ser este evolucionismo hækkeliano o principal responsável pelo facto do estudo psicológico da criança ter equacionado o desenvolvimento como intrinsecamente fundado em bases biológicas. Este posicionamento e os pressupostos em que assenta determinaram também que tal processo tendesse a ser concebido como algo de irreversível, linear e unidirecional dado que se refere, em geral, ao modo como um ser vivo (humano ou animal) cresce e se modifica ao longo da sua vida, desde o nascimento até à maturidade, talvez apenas porque as modificações mais acentuadas que se dão - primeiro a nível físico e depois no funcionamento mental - ocorrem nos períodos iniciais do desenvolvimento, incluindo o pré-natal.

Tal facto levou a que a maior parte dos autores, mesmo os mais significativos como Piaget, mantivessem uma perspetivação do desenvolvimento em grande sincronia com o seu suporte biológico tra duzido pelo crescimento físico, limitando as suas conceptualizações, quase invariavelmente, ao limiar da adolescência. Embora nem todos os

teóricos desta matéria - como por exemplo Erikson, Loevinger e Kohlberg - tenham assumido esta tendência, elaborando os seus modelos de modo a abarcar todo o ciclo de vida, só nas últimas décadas do século XX o adulto e o idoso são verdadeiramente assumidos como objeto de estudo, tendo surgido uma nova área de investigação de teor mais abrangente que foi designada *life-span development psychology* (Baltes, Featherman, & Lerner, 1986; Thomas, 1990).

Além disso, é preciso sublinhar que a ideia de progresso esteve subjacente às teorias em psicologia desde os seus primórdios, talvez porque aquela noção, seja em geral encarada como um percurso conducente à consecução do objetivo biológico que visa atingir a maturidade potencialmente alcançável pela espécie humana. É pois natural que a extensão da noção de desenvolvimento a este domínio fosse formulada como um caso particular da atualização das capacidades potenciais do organismo biológico. Deste modo, Jean Piaget (1967, 1976) constitui um exemplo típico da aceitação tácita deste tipo de pressupostos, por exemplo, na sua concepção das invariantes funcionais do desenvolvimento, isto é da assimilação e da acomodação, mecanismos que, mediante processos e equilíbrio sucessivos, reconstruiriam as estruturas mentais, sempre num sentido de um progressivo e mais adequado modo de funcionamento psicológico.

Mais concretamente, na sua obra *Nascimento da inteligência da criança*, (1936) e noutras, mais tardias, como *Biologia e conhecimento* (1967) ou *O comportamento motor da evolução* (1976), Piaget defende que a génese do pensamento mergulha as suas raízes naquilo que designa como montagens hereditárias próprias da espécie humana, que se reportam ao conjunto de reflexos inatos que a criança normal, nascida a termo, deve apresentar à nascença. Seria a partir do seu exercício que, numa transição do biológico ao psicológico, se iriam diferenciando os primeiros esquemas de assimilação que asseguram as

primeiras formas adaptativas de interação com o meio exterior - tornando possível, por exemplo, a alimentação essencial à própria sobrevivência do recém-nascido - e a partir das quais teria origem e se diferenciaria o psiquismo humano.

2. O desenvolvimento pessoal e a construção da pessoa

Ao entendermos a noção de desenvolvimento a partir da epistemologia positivista inerente ao paradigma científico vigente, não é de estranhar que o principal interesse que esteve na origem da abordagem desenvolvimentista em psicologia se centrasse predominantemente na procura de modificações universais intraindividuais, enfoque que levou a considerar as diferenças interindividuais como simples anomalias, desfasamentos insignificantes ou atrasos em relação aos padrões usuais das aquisições comportamentais.

Pode-se dizer que esta posição dominante - embora coexistindo com um certo olhar complementar introduzido pela abordagem diferencial em psicologia - se concretiza, por vezes, num olhar mais descritivo sobre os resultados intercalares do desenvolvimento, ou então nos mecanismos que estão na base desses resultados, de acordo com uma intencionalidade mais explicativa (Asendorpf & Valsiner, 1992), embora, por outro lado, encare o desenvolvimento psicológico como um reequilíbrio constante entre processos de estabilidade e de mudança, tornando difícil associar as diferenças individuais com a explicação ou a previsão daquilo que Schröder (1992) designa como as trajetórias desenvolvimentais, as quais poderiam ser identificadas como sendo características de certos indivíduos.

Ora, se neste enquadramento o termo desenvolvimento psicológico tem um significado geral relacionado com as ideias de crescer, progredir ou florescer, quando o aplicamos à evolução da

pessoa, como o fazem Vayer e Roncin (1994), isso significa que podemos constatar alterações nas estruturas somáticas, bem como um generalizado aumento das possibilidades psicológicas que lhe permitem sucessivas melhorias nas suas capacidades de compreensão, o que se traduz numa abertura ao mundo que a cerca, ao mesmo tempo que aí se integra. Esta integração, que implica uma sucessiva inclusão de elementos ou de dados novos, é um processo ativo, dado ser o sujeito que fixa e que integra aquilo de que necessita para construir as suas estruturas corporais e a sua psique.

Todavia, se nos limitarmos a perspetivar esta problemática apenas deste ponto de vista, permanece em aberto a indispensável elucidação do conceito de desenvolvimento pessoal, uma vez que este tem sido utilizado indiscriminadamente como alternativa ao de desenvolvimento psicológico, dado que esta sua aceção se tornou usual ou mesmo consensual (1). Assim, a abordagem aqui delineada remete de imediato para a necessidade de esclarecer os pressupostos que permitem distinguir a dimensão pessoal, contrapondo-a à dimensão individual. Nesse sentido, segundo Tavares (1993, 1997), apesar dos significados que a etimologia latina de *persona* (“máscara”) veicula - relativa ao desempenho de papéis na vida quotidiana -, a pessoa não poderá ser explicada e compreendida apenas através de um jogo de máscaras, mas, pelo contrário, deve ser entendida através do processo central de construção da personalidade, isto é, como a grande tarefa a realizar pelos seres humanos.

Para este autor (1993: 16), “uma vez clarificado o campo conceptual do pessoal, daquilo que constitui a personalidade dos sujei-

tos, a relação interpessoal assume de imediato todo o seu significado não obstante a grande complexidade que envolve”. Defende também que este tipo de relações se traduz numa “relação recíproca, assimétrica e dialética entre pessoas, entre sujeitos capazes de sair de si mesmos e colocar-se no lugar (...) do outro, compreendê-lo em toda a sua profundidade e riqueza (...)”.

Nesse sentido, Tavares (1997) reputa que é essencial que o sujeito ultrapasse a sua dimensão individual, encarando esta como simples encenação, e supere a sua coisificação de mero objeto, construindo-se como pessoa, isto é, como alguém capaz de desenvolver relações verdadeiras sem, contudo, se separar da sua individualidade, a qual lhe serve de suporte e de fonte de energia.

Todavia, ao abordar-se esta problemática numa perspetiva epistemológica e conceptualmente alternativa, terá de se aceitar que os considerandos expostos apresentam uma limitação notória, visto excluírem liminarmente a dimensão espiritual; na verdade, circunscrever a noção de pessoa apenas a dois vértices da tríade pessoal, isto é, ao corpo e à mente (psique), implica menosprezar em absoluto o vértice espírito. Tal posição dominante, congruente com a visão materialista, reducionista e mecanicista do paradigma do racionalismo científico, não inclui contudo outras abordagens possíveis que, embora rejeitando esta doutrina e optando por vias diferentes de pendor holístico, humanístico ou mesmo eclético, omitem também nas suas formulações aquela dimensão (Simões, 2011).

3.Subjetividade e complexidade: uma alternativa em psicologia

Complexidade e subjetividade são termos utilizados no quadro das ciências do homem que, mesmo que seja explicitado o que se

(1) Eu própria adotei esta prática durante décadas, mas decidi abandoná-la definitivamente a partir deste texto.

pretende significar com eles, não surgem de modo claro, parecendo às vezes assumir o sentido que o senso-comum lhes atribuiu ou então que dispensam explicações porque o seu significado seria consensual. Todavia, ao aceitar-se a existência de cognições articulando o self e o mundo dos objetos, torna-se quase inevitável a introdução desses conceitos, criando uma disponibilidade para novos olhares que não os percepcionem como uma ameaça ou como um inimigo a abater, mas sim como uma inevitabilidade no modo de abordar os fenómenos psicológicos.

Morin (1983, 2009), principal responsável pela difusão do conceito de complexidade, problematiza o seu valor heurístico apesar da sua demasiada banalização, considerando que, na linha dos filósofos da Antiguidade Clássica, se deve a Bachelard e a Wittgenstein, grandes pensadores da modernidade, o estabelecer dos seus fundamentos epistemológicos. Por seu turno, Martinez (2005) refere que este termo se opõe ao de simplicidade e não deve ser confundido com o de complicação, o qual não envolve de igual modo as ideias de heterogeneidade constitutiva e de natureza plural; para clarificar, esta autora defende ainda que complexo é aquilo que uma análise cartesiana não consegue decompor, ao contrário de complicado, por natureza facilmente decomponível nas suas partes elementares.

Efetivamente, a utilização do conceito de complexidade em psicologia caracteriza-se pelo facto lamentável do seu uso se basear de forma acrítica em categorias assentes num paradigma que, em si mesmo, implicitamente a nega. Na verdade, difícil seria que fosse de outro modo, uma vez que grande parte dos saberes psicológicos são dominados pelo modelo da simplicidade, caracterizado por assentar em princípios como a universalidade, o anti-histórico, a simplificação, o determinismo e o reducionismo, situação a que não é alheia a psicologia americana que influencia de modo marcante a produção

científica nesta área. Como refere Martinez (2005), combatê-la não é tarefa fácil, sendo necessário expressar a complexidade através de sistemas teóricos baseados em categorias que permitam construir e representar as complexas facetas do real.

Para González Rey (1999, cit. in Martinez, 2005) o psicológico não pode simplesmente ser compreendido através da sua redução a processos simplificadores mas mediante o confronto com os sentidos e a significação que lhe estão inerentes que, pelo seu carácter multidimensional, recursivo e contraditório, envolvem outros conceitos, como o de subjetividade; esta última surge relacionada com o interior e o íntimo de cada um, podendo ser definida como a organização de processos que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito, assim como nos diferentes contextos ecológicos em que este atua.

Este novo olhar opõe o reconhecimento da singularidade e do carácter contraditório da subjetividade humana a uma concepção assente no determinismo dos fenómenos e rejeita o princípio de separabilidade que afirma que, para compreender um fenómeno, é necessário decompô-lo nos seus elementos constitutivos. Tal representação opõe-se também à ideia de um sistema fechado, dado ser subjetiva e, nesse sentido, denotar uma dimensão de historicidade e exprimir uma natureza processual. No plano epistemológico, o sentido não pode ser encontrado apenas numa lógica decorrente do diretamente observável, padrão que tem dominado nas últimas décadas o imaginário metodológico das ciências do homem, embora tal tarefa não se torne fácil, pois o sentido subjetivo aparece somente na expressão plena do sujeito, a qual deve ser assumida no seu carácter sistémico e deixar de depender de uma apreciação de um conjunto de momentos parciais isolados, dando lugar à sua apreensão como totalidade.

Como refere Neubern (2005), tornando-se um dos principais marcos de referência da inteligibilidade científica, as teorias, represen-

tantes visíveis dos paradigmas - por natureza invisíveis -, trataram, desde o início, de se precaverem dos perigos desta nova forma de relação com o real em que alguns dos seus atributos não podiam deixar de ser sentidos como subversivos e irregulares, pois não encontravam quaisquer repercussões nem reconhecimento no universo, tal como este tinha vindo a ser desenhado pela doutrina dominante. Não obstante, à medida que noções como ordem, regularidade, determinismo, causalidade e generalização deixavam o seu lugar enquanto referências centrais - em detrimento da desordem, da irregularidade, da imprevisibilidade, da autonomia, do acaso e da singularidade - o pensamento científico passou, cada vez mais, a poder ser entendido como uma forma de saber transcendente e universal, embora muitas vezes rotulado como desprezível, ilusório ou mesmo como uma fonte de erro.

O enfoque alternativo que abordamos ao longo deste ponto, a partir dos conceitos estruturantes de complexidade e subjetividade, permite ainda destacar um aspeto essencial associado à ideia de pluralidade e de heterogeneidade, o qual contém habitualmente um carácter de normalidade, contraposto ao patológico, muitas vezes invocado pela ciência ortodoxa. Em contrapartida, na perspetiva tradicional em psicologia, o indivíduo é erigido como fonte de doença, estabelecida nele como um processo inerente à natureza humana em que a patologia se impõe como dominante do cenário científico, descontextualizando o sujeito da sua vida interior e excluindo todas as manifestações que rompem com esta concepção, assim como menosprezando as noções que problematizam a emergência dos sintomas patológicos (González Rey, 2005; Martinez, 2005; Neubern, 2005).

Para terminar, e de acordo com os considerandos enunciados, torna-se urgente e imperativo sublinhar a necessidade de opor uma crítica consistente aos pressupostos da simplicidade e da objetividade que constituem os fundamentos da ciência clássica, definida dogmati-

camente por muitos investigadores como a única verdadeiramente científica. Trata-se de optar pela abertura a uma estratégia teórica e metodológica que contradiga a forma habitual de fazer ciência no domínio psicológico, a qual traduz um estreito isomorfismo - ou mesmo seguidismo - relativamente aos procedimentos utilizados nas ciências da natureza. Este novo e heurístico modelo, inevitavelmente baseado em quadros conceptuais transitórios e instáveis, remete para uma visão holística que pode ser designada como abordagem construtivista-ecossistémica (Simões, 2013).

4. A psicologia positiva e o significado de uma sublevação

Até cerca da segunda metade do século XX, a psicologia, tradicionalmente colocada no eixo entre o normal e o patológico, pouco conseguiu adiantar sobre o modo de prevenir os aspetos negativos das perturbações psicológicas, apesar dos muitos estudos sobre a natureza das diversas patologias. Curiosamente, a par com uma proliferação de pesquisas sobre esta temática, verifica-se uma impressionante escassez de trabalhos sobre as facetas saudáveis do psiquismo, sendo poucos os contributos que contrariam esta tendência.

Ao adotarmos um olhar crítico face à tendência patologizante perfilhada por muitas correntes psicológicas, a qual nasce do dogma da generalização e do determinismo, podemos concluir que é necessário acrescentar uma nova dificuldade às decorrentes do impacto destas visões redutoras. Com efeito, as tendências descritivas e prescritivas da psicologia sobre o que deve ser um desenvolvimento normal levam-na a enfermar ainda de outro erro grave: ela não é uma ciência das regularidades e das leis daquilo que corre bem mas principalmente

daquilo que se desvia da normalidade (Seligman e Csikszentmihalyi, 2000).

Consciente desta situação, em 1998, Martin Seligman - então presidente da Associação Psicológica Americana - vai ser responsável pela introdução da psicologia positiva, ruptura que permite reequacionar as questões mencionadas, não obstante a abordagem agora corporizada nunca tenha estado propriamente ausente, mas apenas menosprezada, uma vez que os seus fundamentos assentam em posições que remontam a William James e, mais recentemente, a teóricos como Carl Jung, Gordon Allport ou Abraham Maslow.

Ao formalizarem este novo enfoque de velhos problemas, a partir das condições que permitem melhorar a qualidade de vida e prevenir as psicopatologias, os adeptos deste modelo pretendem romper com as ideias anteriores que perspetivam o ser humano simplesmente como alguém a quem faltam as qualidades que fazem com que a vida tenha sentido e mereça ser vivida.

Foi assim que desde o surgimento da psicologia científica, tópicos como a esperança, a sabedoria, a criatividade, a visão prospetiva, a coragem, a espiritualidade, a responsabilidade ou o altruísmo foram sendo progressivamente ignorados ou explicados como meras transformações de impulsos negativos que assumiam por isso uma maior proeminência. Por esse motivo, estes conceitos que se centram nas explicações acerca do que pode correr bem, evidenciando a forma e as razões subjacentes a este facto, deslocam a focalização sobre os aspetos menos bons, a fim de compreender os motivos por que havia surgido algo anómalo.

Neste enquadramento, a psicologia positiva incide nas potencialidades e virtudes do ser humano em detrimento das patologias, demonstrando a importância de compreender os aspetos que tornam as pessoas saudáveis, uma vez que, do ponto de vista psicoló-

gico, conhecer apenas os danos e as fragilidades individuais é manifestamente insuficiente, sendo necessário compreender também as virtualidades do desenvolvimento pessoal, concentrando-nos naquilo que escolhemos pelo seu próprio valor, embora seja frequente as nossas escolhas serem motivadas pelo modo como nos iremos sentir em consequência disso.

Segundo Seligman (2012), podemos identificar três vetores diferentes nos valores intrínsecos subjacentes a essas opções: a emoção positiva – aquilo que iremos sentir, como prazer, êxtase, conforto e afins – o envolvimento - que implica por exemplo sentir o tempo parar e perder a noção de si próprio durante uma atividade absorvente - e o significado – que se liga com a pertença e o serviço a algo que acreditamos ser maior do que o eu, quer isto se consubstancie na humanidade, na religião, em identidades ecológicas ou na família.

Nesse mesmo sentido, Yunes (2003), invoca a necessidade de uma mudança de orientação que ajude a psicologia a cumprir uma das suas mais importantes missões, muitas vezes negligenciada, a de construir uma visão do ser humano com ênfase em aspetos “virtuosos”, tais como o de resiliência; esta faceta, é considerada essencial, uma vez que se torna indicativa de um percurso de vida saudável permitindo compreender os processos que explicam a superação de adversidades. Reportando-se a Martin Seligman, a autora alerta porém para as dificuldades inerentes à implementação deste enfoque inovador, pois compreender o bem-estar e construir condições facilitadoras ao objetivo que tem prosseguido a psicologia ao longo da sua história, isto é, compreender a infelicidade para abolir as condições debilitantes da vida.

Também Barros (2010) sublinha a importância desta perspetiva, a qual, no seu entender, apesar de hesitar ainda entre evidenciar valores, virtudes ou emoções positivas ou situar-se num âmbito mais comportamental, representa indubitavelmente um novo olhar que o leva a afirmar que poderemos estar diante de uma nova abordagem inova-

dora orientada para a promoção do bem-estar e dos aspetos saudáveis do psiquismo humano. Em qualquer dos casos, este mesmo autor, referindo a sistematização dos contributos surgidos logo no início do século XXI, destaca a importância de introduzir novos conceitos e de prestar a atenção a realidades diferentes que remetem para a necessidade de “(...) ter um sentido para a vida ou levar uma vida com sentido” (Barros, 2010: 15).

Finalmente justifica-se terminar este ponto reproduzindo as próprias palavras de Seligman (2012: 16): “Eu fiz parte de uma sublevação tectónica (...) chamada psicologia positiva, um movimento científico e profissional”. Por esse motivo, “(...) encorajei a psicologia a complementar o seu venerável objetivo com um novo objetivo: explorar o que faz com que a vida mereça ser vivida e construir condições para uma vida que valha a pena viver”.

5. A personalidade face aos desafios da sociedade emergente

No final do século XX eram já identificáveis novas tendências que obrigavam o homem a ter que reaprender e a pensar reflexivamente para encontrar novas formas de gerir o seu próprio destino e o do mundo, as quais, no quadro do discurso científico, procuravam dar resposta à urgência de reencontrar a própria identidade. Na verdade, perdida a esperança na redenção tecnológica, a humanidade, desiludida pelos constantes conflitos à escala mundial, pela esterilidade de ideias totalitárias e de outros fundamentalismos, era compelida a reconquistar a sua integridade, mesmo que para tal tivesse que questionar padrões culturais e axiológicos anteriormente instituídos (Alarcão, 1996).

Na sequência destas mutações ideológicas, a abordagem holística surge como uma via que oferece explicações mais satisfatórias em diversos campos do pensamento, garantindo convergências entre as vias racional e intuitiva. Entre numerosos exemplos de intelectuais, em cuja obra se pode vislumbrar este ponto de vista, estão Teilhard de Chardin, Carl Jung ou Abraham Maslow e cientistas contemporâneos como Rémy Chauvin, o físico Fritjof Capra ou o prémio nobel Niels Bohr que simbolizou a sua teoria da complementaridade por um brasão onde figuram os símbolos do *yin* e do *yang*.

Embora, até hoje, a ciência dominante, com a sua especialização a todo o custo, tenha tornado cada disciplina numa ilha, os teóricos da sociedade emergente, contrariando esta tendência, pretendem facilitar a comunicação entre os domínios científicos por mais heterogéneos que eles sejam, tendendo para uma abordagem inter ou mesmo transdisciplinar. Refletindo implicitamente esta tendência, Simões (2013) refere alguns sinais que indicam podermos já estar numa encruzilhada que conduzirá ao surgimento de uma nova esfera teórica, no interior da qual se cruzam os contributos de múltiplos modelos parce-lares.

É neste contexto que toma forma uma ideia essencial, associada ao tema da sociedade emergente, a qual sugere que a nossa atual civilização está prestes a entrar numa tomada de consciência alternativa de natureza ecológica, planetária e espiritual, marcada por claras mutações racionais e emocionais. Esta nova idade traduzir-se-á num conjunto de experiências heteróclitas, unificadas todavia através de um sistema de crenças, representações e significados assente numa visão subjetiva e complexa do mundo global.

Esta concepção, embora não seja recente, tem vindo a exprimir-se através de díspares olhares e de reflexões muito diferentes. Por exemplo, Tavares (1997) no seu livro - Uma sociedade que aprende e

se desenvolve: relações interpessoais - propunha-se suscitar essa discussão, já nessa altura sentida pelo autor como premente, no sentido de consubstanciar um conjunto de ideias cada vez mais difundido. Para esse efeito, utilizou o conceito de “sociedade emergente” (...), como “uma sociedade que aprende e se desenvolve rumo a uma sociedade mais cognitiva e solidária, em que a razão e o coração dialoguem e se entendam”. Afirmava também que tal como “vinho novo em odres novos, (...) discursos que se dizem inovadores, com conteúdos velhos e obsoletos, não farão caminho na sociedade futura” (Tavares, 1997: 135).

Este novo modelo de sociedade surge para Tavares (1993, 1997) como um lugar onde a atividade interpessoal - que traduz uma relação recíproca, assimétrica e dialética - assume uma importância crucial. Por isso privilegia este vetor, afirmando que ele não pode ser confundido com as relações puramente individuais, dado que é esta dimensão que explica e ajuda a compreender as mudanças que se estão a verificar, sendo a sua grande finalidade proporcionar a cada ser humano - um ser inacabado - a obra de tornar-se pessoa que nunca termina ao longo de toda a existência. Tais relações de autenticidade são essenciais para que a experiência humana se transforme em tradição e fique disponível para transitar de geração em geração.

Porém, para outros autores (Simões, 2010), ao abordar-se a essência da personalidade e a sua relevância conceptual, é indispensável tornar mais abrangente o âmbito deste conceito destacando a importância de outras dimensões, como a intrapessoalidade e, sobretudo, a transpessoalidade. Esta concepção contextualiza o desenvolvimento pessoal dos sujeitos que, ao participarem nas utopias da sociedade emergente, colocam na ordem do dia a indispensável reflexão sobre a ciência, a filosofia e a arte, a partir da formulação de novos olhares capazes de responder aos desafios do nosso tempo.

Todavia, apesar de cada pessoa ser única na sua maneira de construir e compreender o mundo, isto não obsta a que esta compreensão siga padrões gerais ao nível das dimensões de personalidade. Assim, é indubitável que se encontram certas regularidades e referentes partilhados, em cuja base estão epistemologias pessoais, isto é, sistemas complexos de atribuição de significados à experiência, as quais consubstanciam visões heterodoxas sobre o mundo, as culturas e a civilização. Por esse motivo, para entender a sociedade emergente é necessário encarar as pessoas como sistemas de organização complexa (sistema-pessoa) em interação dialética com os vários subsistemas ecológicos (Simões, 1996, 2010, 2013).

Importa destacar a noção de resiliência, neste enquadramento, no sentido em que a entende a psicologia positiva e, deste modo, edificar conceptualmente uma especificidade estrutural do desenvolvimento pessoal (Ralha-Simões, 2001). Trata-se de “(...) interiorizar concepções e atitudes diferentes que conduzam a formas de agir mais em consonância (...) com o rosto da sociedade emergente” (Tavares, 2001: 74-75), a qual pretende ser menos materialista, competitiva e desumana e mais tolerante, solidária e humana. Como afirma Ruegg (1997, cit. in Tavares, 2001), para esse efeito, é preciso fazer incidir a reflexão sobre a espiritualidade humana, como abertura à sobrevivência que emerge como uma das raízes mais profundas da aspiração do homem.

Finalmente saliente-se que a problemática evidenciada permite afirmar estarmos perante um sólido ponto de partida epistemológico que aponta para a hipótese de uma síntese global do homem e dos processos de construção do conhecimento (Simões, 2013, Tavares, 1992). Sendo o real tudo aquilo que serve de referente à nossa capacidade de representação e inferência perceptiva mas que, ao mesmo tempo, se torna impossível de representar e nos escapa constantemente, a sua apreensão surge a partir de uma tríade, no

seio da qual as relações pessoais fazem apelo à ação dialogante de três instâncias essenciais: o real, o imaginário e o simbólico (Tavares, 1997).

Reflexões finais

No século XXI iremos certamente assistir a profundas alterações na estrutura das sociedades, na educação e mesmo nos paradigmas de que nos socorremos para fazer ciência. No quadro da psicologia múltiplas tendências anunciam já estas mudanças, tornando urgente compreender como se especifica e desenvolve cada ser humano, enquanto pessoa, como protagonista e sujeito determinante dessas modificações e não apenas como objeto passivo, produto das circunstâncias da civilização do consumismo e do bem-estar material.

Por conseguinte, não basta ter em conta o que a psicologia defende num dado momento, nem a sua presumível procura da verdade, nem mesmo a fundamentação que consegue fornecer acerca da sua especificidade, invocando eventualmente as circunstâncias da sua emergência e da sua evolução histórica. De facto, é preciso também que se tenham presentes as razões e o modo como fornece uma certa imagem da realidade, que elegera como objeto de estudo, assim como a forma como a molda segundo as suas conveniências e os condicionamentos que, nesse momento, aceita que a influenciem, implícita ou explicitamente.

Numa indispensável problematização das antigas “verdades” psicológicas, numerosos olhares inovadores fazem-se já anunciar, necessitando apenas para se poderem exprimir livremente de ver inauguradas ou simplesmente reinstauradas vias teóricas que contem-

plem a complexidade e a subjetividade ou que aceitem simplesmente entender a singularidade e a causalidade não linear e retroativa, como algo que não é incompatível com o processo de construção do conhecimento científico. Entre estas surge com particular destaque a abordagem da psicologia positiva que não se limita à reparação dos danos psíquicos impostos aos indivíduos ao longo do seu percurso de vida, pretendendo em vez disso sublinhar as capacidades que estes revelam face às adversidades e a sua generalizada fortaleza e coragem enquanto pessoas, virtudes essenciais a um desenvolvimento saudável.

Esta visão otimista, fundamentada num corpo de conhecimentos decerto muito diferente daquele até agora vigente, permitirá estimular nas gerações futuras valores e capacidades como a esperança e a resiliência, permitindo-lhes usufruir de vidas mais felizes e criativas.

Esta perspetiva permite obviamente assumir um novo modelo em psicologia, cujo objetivo seja a promoção de aspetos positivos do desenvolvimento pessoal, em detrimento das suas eventuais componentes psicopatológicas. Como refere Antonovski (1987, *cit. in* Yunes, 2003), é preciso, sem demora, introduzir neste campo uma orientação salutogénica que se oponha à atual, preocupada na remediação e na reparação de hipotéticos sintomas psicológicos, cujo âmbito não para de aumentar, tendo ainda este ano sido incluído, na quinta edição do “*Diagnostic and Statiscal Manual of Mental Disorders*” da Associação Psiquiátrica Americana, um novo conjunto de sintomas que integrará a já longa lista de classificações diagnósticas das perturbações psicológicas o que, por este andar, poderá conduzir a uma sociedade em que a normalidade se tornará desviante.

Em contraponto com esta infeliz tradição que importa abandonar, é necessário realçar os valores da sociedade emergente, à qual, como refere Tavares (1997), compete aprender, de modo empenhado, e adaptar-se aos extraordinários ritmos de mudança dos tempos que

virão, não se deixando enganar por soluções fáceis ou demagógicas que permitam aos cidadãos reaprender novas maneiras de ser, de pensar e de agir que substituam as que já não respondem de modo nenhum às presentes realidades. Nesse sentido, é imperativo lançar outros olhares em busca de um paradigma que possibilite o nascimento de uma utopia positiva onde será possível reinventar outras e significativas formas de realização pessoal.

Bibliografia

- Alarcão (1996). Ser professor reflexivo. In I.Alarcão (Org.) *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão* (171-189). Porto: Porto Editora.
- Antonovski, A. (1987). *Understanding the mystery of health: how people manage stress and stay well*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Asendorpf, J.B. & Valsiner, J. (Ed.) (1992). *Stability and change in development – a study of methodological reasoning*. Newbury Park: Sage.
- Baltes, P.H., Featherman, D.L. & Lerner, R.M.(1986). *Life-span development and behavior*. Hillsdale : Erlbaum.
- Barros, J.B.(2010). *Psicologia positiva: uma nova psicologia*. Porto: Livpsic.
- Berryman, J.C., Hargreaves, D., Herbert, M. & Taylor, A. (2002) A psicologia do desenvolvimento humano. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bradley, B.S. (1993). Introduction: The future of developmental theory. *Theory & Psychology*. 3 (4), 403-414.
- Capra, F. (1989). *O Tao da Física: uma exploração dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental*. Lisboa: Presença. (edição original: 1975).
- Csikszentmihalyi, M. (1998) Novas atitudes mentais: uma psicologia para o terceiro milénio. Círculo de Leitores. (edição original: 1993).

- González Rey, F. (1999). Psicologia e educação : desafios e projeções. In O.A. Rays (Org.) *Trabalho pedagógico : realidades e perspectivas* (102-117). Porto Alegre : Sulina.
- González Rey, F. (Org.). (2005). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F. (2005). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica (27-51). In F. González Rey (Org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Thomson.
- Hæckel, E. (1978). *Religião e evolução*. Porto Lello & Irmão. 4.ª ed. (edição original, 1905)
- Lerner, R.M. (Ed.) (1983). *Developmental psychology: historical and philosophical perspectives*. Hillsdale: Erlbaum.
- Martinez, A.M. (2005). A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia (1-25). In F. González Rey (Org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo : Thomson.
- Morin, E. (1983). *O problema epistemológico da complexidade*. Mem Martins: Europa-América.
- Morin, E. (2009). Complexidade restrita, complexidade geral (36-78). In E. Morin & J.-L. Le Moigne. (Orgs.). *Inteligência da complexidade: epistemologia e pragmática*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morss, J.R.(1992). Making waves: deconstruction and developmental theory. *Theory & Psychology*. 2 (4): 445-465.
- Neubern, M. da S. (2005). A subjetividade como noção fundamental do novo paradigma : breve ensaio. In F. González Rey (Org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (53-79). São Paulo : Thomson.
- Paludo, S. S. & Koller, S.H. (2007). Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17(36), 9-20
- Piaget, J. (1970). O nascimento da inteligência na criança. Rio de Janeiro: Zahar (edição original: 1936).
- Piaget, J. (1967). *Biologie et connaissance*. Paris: Gallimard.
- Piaget, J. (1976). *Le comportement moteur de l'évolution*. Paris: Gallimard.

Ralha-Simões, H. (2009). *Psicologia da educação – manual de apoio ao curso de educação básica*. Faro: Universidade do Algarve – Escola Superior de Educação e Comunicação.

Ralha-Simões, H. (2001). Resiliência e desenvolvimento pessoal (95-113). In J. Tavares (ed.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez Editora.

Ralha-Simões, H. (2003). *Resiliência e psicologia do desenvolvimento: o conceito de resiliência na encruzilhada entre estabilidade e mudança e o futuro da teoria desenvolvimentista*. Provas públicas para o lugar de Professor Coordenador em Psicologia. Faro: Universidade do Algarve.

Ralha-Simões, H. & Simões, C.M. (1998). Resiliência e tarefas de desenvolvimento: a educação e as diferentes etapas da vida. *Psicologia, Educação e Cultura*. 2 (2), 345-360.

Ruegg, F. (1997) Valorizar as potencialidades da criança: a resiliência, conceitos e perspectivas. *Cadernos de Educação de Infância*, 42, 9-14.

Schröder, E. (1992). Modeling qualitative change in individual development (1-20). In J.B. Asendorpf & J. Valsiner (ed.) (1992). *Stability and change in development – a study of methodological reasoning*. Newbury Park: Sage.

Seligman M.E.P. (2008). Felicidade autêntica: os princípios da psicologia positiva. Cascais: Pergaminho (edição original: 2002).

Seligman M.E.P. (2012). *A vida que floresce: um novo conceito visionário da felicidade e do bem estar*. Alfragide: Estrelapolar. (edição original: 2011).

Seligman M.E.P. & Csikszentmihalyi, M. (2000) Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*. 55 (1), 5-14.

Simões, C.M. (1996). *O desenvolvimento do professor e a construção do conhecimento pedagógico*. Aveiro: Fundação João Jacinto de Magalhães.

Simões, C.M. (2010). *Contributos para uma teoria da personalidade*. Faro: Instituto Giordano Bruno - Centro Interdisciplinar de Ciências e Artes.

Simões, C.M. (2011). *A tríade pessoal: elementos para a conceptualização de um modelo*. Faro: Instituto Giordano Bruno - Centro Interdisciplinar de Ciências e Artes.

Simões, C.M. (2013). Epistemologia e construção do conhecimento: uma abordagem dos contextos educacionais. *Cadernos do GREI n.º 1, junho*

Simões, C.M. & Ralha-Simões, H. (1980). *Algumas questões sobre o desenvolvimento*. Porto: Centro de Medicina Pedagógica. (texto policopiado)

Simões, C.M. & Ralha-Simões, H. (1999). *Contextos de desenvolvimento e teorias psicológicas*. Porto: Porto Editora.

Smith, P.K., Cowie, H. & Blades, M. (2001). *Compreender o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

Tavares, J. (1992). *A aprendizagem como construção de conhecimento pela via da resolução de problemas e da reflexão*. Aveiro: CIDInE.

Tavares, J. (1993). Clarificação dos conceitos básicos, objectivos a atingir e suas implicações no processo de ensino/aprendizagem (13-26). In J. Tavares (Ed.) *Dimensão pessoal e interpessoal na formação*. Aveiro: CIDInE

Tavares, J. (1997). *Uma sociedade que aprende e se desenvolve – relações interpessoais*. Porto: Porto Editora.

Tavares, J. (2001). A resiliência na sociedade emergente (43-65). In J. Tavares (Ed.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez Editora.

Thomas, R.M. (1990). *Counseling and life-span development*. Newbury Park: Sage.

Vayer, P. & Roncin, C. (1994) - *Psicologia actual e desenvolvimento da criança*. Lisboa: Instituto Piaget.

Vernette, J. (1995). *New Age*. Mem Martins: Europa-América.

Walkerdine, V. (1993). Beyond developmentalism? *Theory & Psychology*. 2 (4), 451-469.

Yunes, M.A.M. (2003) Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família - *Psicologia em Estudo*, 8 (num.esp.), 75-84

A AUTORA

Helena Ralha-Simões - Professora Coordenadora da Universidade do Algarve, onde exerce funções docentes e de investigação desde 1990, tendo sido diretora do departamento de ciências sociais e da educação no biênio 2010-2012. É licenciada em psicologia clínica pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada e entre 1981 e 1983 residiu na Bélgica, onde concluiu uma pós-graduação em psicologia do desenvolvimento, na Universidade Católica de Lovaina, na qualidade de bolsista da Secretaria de Estado da Cultura. Em 1993, doutorou-se em psicologia da educação pela Universidade de Aveiro. Os seus principais interesses integram temáticas como a resiliência e o desenvolvimento pessoal, em articulação com tópicos diversos nomeadamente as necessidades especiais em educação e a formação de profissionais de ajuda.

Cadernos do GREI

n.º 1

Carlos Marques Simões
EPISTEMOLOGIA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:
uma abordagem dos contextos educacionais



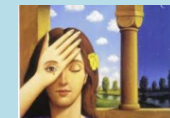
n.º 2

Nora Almeida Cavaco
ATITUDES PARENTAIS E RESILIÊNCIA: as práticas educativas
e o desenvolvimento psicológico dos adolescentes



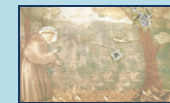
n.º 3

Helena Ralha-Simões
DESENVOLVIMENTO PESSOAL NA SOCIEDADE EMERGENTE:
novos olhares em busca de um paradigma



A publicar:

Carla Fonseca Tomás
PSICOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE: revisão teórica, conceitos
emergentes e principais desafios



Ana Tomé
CONHECER E PREVENIR DOENÇAS CARDIOVASCULARES:
fatores de risco e planeamento dos cuidados de saúde



GREI - Grupo de Estudos Interdisciplinares
Giordano Bruno

Cadernos do GREI n.º 3 – Julho 2013